

MATOS, JOSÉ (2025)

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-11_24

Atlas Histórico do 25 de Abril.

Lisboa: Guerra & Paz, 142 p.

ISBN 978-989-576-165-4

Investigador em História Militar, José Matos prossegue aqui uma temática já presente nas suas últimas publicações: a Revolução dos Cravos. Tendo dado à estampa um volume versando a famosa e polémica Operação Mar Verde – levada a cabo em Conacri a partir da então colónia portuguesa da Guiné, em novembro de 1970 – o autor tem redigido sobre outros episódios da Guerra Colonial. Neste sentido, não perdendo de vista, quer a questão operacional, quer a natureza das armas em presença, as suas propostas têm ido ao encontro de um registo que oscila entre a História Militar, propriamente dita, e as conexões entre a política e a diplomacia, no contexto da Guerra Fria. Fazendo uso de fontes primárias, compulsadas numa prática arquivística sólida, o seu contributo tem resultado em diversos artigos, mas sobretudo no livro *Rumo à Revolução*, assinado com Zélia Oliveira – que foi patrocinado pela Comissão Comemorativa 50 Anos 25 de Abril – e no qual avulta uma abordagem que oscila entre o narrativo e o analítico acerca dos “meses finais do Estado Novo”. De resto, as últimas páginas dessa obra incidem justamente sobre “o dia inicial intenso e limpo”, pelo que a obra aqui passada em revista como que ilumina alguns aspectos, podendo ser considerada uma sorte de continuação visual e infográfica.

Inserido na coleção dos “atlas históricos” da editora Autrement, publicados em Portugal pela Guerra & Paz, o livro de José Matos conta com infografias de Nuno Costa e ilustrações de Paulo Alegria e de Anderson Subtil, assim como numerosas fotografias (a cores e a preto e branco), fac-símiles de documentos e caixas de texto explicativas e de “curiosidades”. A bibliografia (p. 137-141) é considerável e diversificada, compreendendo testemunhos, memórias, estudos e obras de divulgação. Por seu lado, a escrita adota um

tom por vezes narrativo, mas que não prescinde da análise, na medida em que convoca a terreiro diferentes planos: político, diplomático, militar, económico, social. Tenha-se presente a necessária visão internacional, posto que se jogava em vários tabuleiros. Daí decorre o enquadramento da “velha ditadura” no espaço europeu dos Anos de 1960, mas, sobretudo, a “questão africana” e os seus múltiplos desenvolvimentos (p. 15-35).

Após uma breve introdução (p. 7-11), o primeiro capítulo, de seu nome “Os Alvares da Revolução” (p. 13-39), começa por compor um quadro (do fim) do império português, o qual, confrontado com o recrudescimento do anticolonialismo e das condenações internacionais, recorrera a diversas cosméticas administrativas (“províncias ultramarinas” em lugar de “colónias”), com o fito de “permanecer”. Perante a queda de pequenas parcelas, como os enclaves de Dadrá e Nagar Aveli, na Índia, em 1954, e a fortaleza de S. Baptista de Ajudá, no Benin, em agosto de 1961, o regime veria começar a guerra em Angola e assistiria à ocupação de Goa, Damão e Diu, em fevereiro e dezembro desse ano, respetivamente.

Como se sabe, os movimentos de libertação da Guiné e Cabo Verde e de Moçambique iniciaram, por seu turno, operações militares no ano seguinte, não descurando a frente diplomática. Daí que, por vezes, se fale em “guerras coloniais”, mas também em “guerra de África”, definição mais imprecisa, posto que a Primeira Guerra Mundial também foi travada nesse cenário, não se devendo perder de vista o significado que, à época e hoje, tem “guerra do ultramar” – e as designações de “luta/guerra” de “libertação (nacional)/independência”, amiúde usadas nos países emergentes em 1974/1975. A concluir, a terceira alínea, “Reunião em Óbidos” (p. 36-39), recorrendo a fotografias da vila medieval e da tomada de posse de António de Spínola como vice-Chefe de Estado Maior das Forças Armadas, a 17 de janeiro de 1974, resume a constituição do então chamado Movimento dos Oficiais das Forças Armadas (MOFA).

Por sua vez, o segundo capítulo, “A Revolução Inevitável”, a despeito de algum finalismo ou determinismo histórico do título (p. 41-63), começa com a publicação do livro *Portugal e o Futuro*, de António de Spínola, com uma série de fotografias dos protagonistas e uma infografia das Caldas da

Rainha, de onde partiu o movimento do 16 de março. Conforme atesta o autor, este “falhanço”, em que “mais ninguém saiu”, acabaria por constituir “uma aula prática” para Otelo Saraiva de Carvalho. Com efeito, este “teve oportunidade de observar o dispositivo montado pelo Governo para enfrentar as tropas das Caldas”, ficando conhecedor, mais tarde, de que “Marcello Caetano e outros membros do executivo, juntamente com o presidente da República, tinham procurado refúgio no Quartel da 1.^a Região Aérea em Monsanto” (p. 63).

Estruturado em seis alíneas, o mais extenso terceiro capítulo, “A Queda do Regime” (p. 65-136), documenta a “Missão Secreta” (p. 66-69) do enviado de Rui Patrício, titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, para reunir em Londres, sem grandes resultados, com o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Dois conjuntos de ilustrações atestam as investigações prévias de José Matos: “as novas armas portuguesas” (p. 71-72) e “os blindados do 25 de Abril” (p. 88-91), com destaque para o *M47 Patton*, a *Panhard EBR 75* e a *Chaimite*. O capítulo revela-se, ainda, rico em mapas e infografias relacionados com a disposição de forças em Lisboa e nas diversas regiões do país (norte, p. 106; centro, p. 109; e sul, p. 110), acompanhando ao detalhe o decurso dos acontecimentos. Vale a pena atentar no choque entre as forças da Escola Prática de Cavalaria (EPC), sob o comando de Salgueiro Maia, e as forças da situação (o regimento de Cavalaria 7) na Baixa de Lisboa (p. 114); ou o cerco daquele capitão ao Quartel do Carmo (p. 122). O texto possui, nestas secções, um recorte quase cinematográfico:

Quando vê um *M47* aparecer do lado da Rua do Arsenal, Junqueira dos Reis fica desesperado e ordena que o alferes Sottomayor leve o *Patton* dele para o lado da Ribeira das Naus para abrir fogo contra as tropas do Terreiro do Paço. Chegado à Ribeira das Naus, o alferes recusa-se a abrir fogo e Junqueira dos Reis manda prendê-lo. [...] Salgueiro Maia [...] assiste a uma certa distância, depois de uma tentativa frustrada de dialogar com Junqueira dos Reis. Percebe naquele momento que já nada os pode parar. Impotente perante a situação, o brigadeiro acaba por se retirar com as pouca forças que lhe restam (p. 117-118).

Mas, o texto não deixa de revisitar o comunicado da Junta Militar então formada e as fricções iniciais de Spínola com os oficiais do Movimento das Forças Armadas (MFA). Neste âmbito, é sintomático que a causa primacial do 25 de Abril, quer dizer, o conflito que opôs uma ditadura intransigente em relação aos “ventos da História” e diversos movimentos de libertação, não tivesse dado de imediato lugar a uma declaração inequívoca acerca da auto-determinação e da independência (p. 134-135). Porém, o autor acaba por não explorar este e outros elementos, tanto mais que o livro termina com a saída de cena de Otelo Saraiva de Carvalho e uma fotografia de Marcello Caetano e de Joaquim da Silva Cunha, ex-ministro da Defesa Nacional, na Madeira. Seja como for, entremes, os dias 26 e 27 são evocados, a fim de documentar a prisão de agentes da polícia secreta e a libertação dos presos de Caxias.

Deste modo, José Matos apresenta um contributo deveras interessante, que incide na dimensão visual do 25 de Abril. Daí decorre o registo marcadamente narrativo, mas que parte de investigação já conduzida e publicada noutras momentos. Ainda assim, concluindo este atlas com o final do dia de Otelo, seria interessante dar-lhe continuidade com um volume incidindo no processo revolucionário subsequente. Decerto que os momentos marcantes do 28 de setembro de 1974, o 11 de março e o 25 de novembro de 1975, as independências e os “retornados”, os trabalhos da Assembleia Constituinte, assim como muitos outros acontecimentos e factos, mereciam este enquadramento visual, concorrendo para a já significativa bibliografia vinda a lume neste cinquentenário.

SÉRGIO NETO

sgdneto@gmail.com

U. Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

(CITCEM)¹, Faculdade de Letras

<https://orcid.org/0000-0002-9737-0029>

¹ UID/04059/2025 | <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>.